

O diário de Leonilson: o medo e o ódio na significação do HIV/AIDS¹

Vinicius FERREIRA²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

A pesquisa analisa o medo e o ódio em relação aos homossexuais durante os primeiros anos da pandemia de HIV/AIDS no Brasil. Com o objetivo de entender a influência desses sentimentos na percepção da homossexualidade, a metodologia adotada é a análise qualitativa de diários pessoais do artista José Leonilson, que se consagrou historicamente pelo seu trabalho biográfico em relação a doença. Fundamentada em estudos sobre emoções e estigmas, a pesquisa revela que medo e ódio reconfiguraram as relações sociais e a auto-percepção dos homossexuais, mostrando o impacto psicológico e social da pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade; Medo; Ódio; HIV/AIDS, Diário.

Marcadores da diferença: o ódio e o medo

A crise provocada pelo HIV/AIDS representa uma virada crucial das estratégias discursivas utilizadas em uma escrita violenta sobre a homossexualidade. A linguagem da condenação estava em transformação. Os argumentos de base moral cristã dividiam, cada vez mais, o espaço de enunciação com as retóricas higienistas da medicina. Somava-se ao repertório da defesa dos valores tradicionais e da família brasileira à necessidade de controlar a sexualidade em virtude da doença.

A politização da AIDS acentuou a disputa entre os discursos em circulação sobre os significados da homossexualidade. O pânico médico da mídia foi acompanhado por uma crise moral na própria subcultura dos homens que mantinham relações afetivas e sexuais com outros homens. Além da “tempestade de areia médica” existe um “furacão de sentimentos” verdadeiramente impressionante entre os sujeitos que se identificavam ou eram lidos enquanto homossexuais. O HIV/AIDS evocava o medo e o ódio (WEEKS, 2002).

O medo e o ódio são sentimentos distintos que, no entanto, podem possuir vínculos profundos. O medo do desconhecido, do diferente e de uma peste provocada por um corpo tido como outro pode ser o desencadeador do ódio. Enquanto uma ambiência de ódio pode produzir uma cultura do medo em que o sujeito se reconhece

¹ Trabalho apresentado no GP 09 – Comunicação, Alteridade e Diversidade, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor e mestre em comunicação e cultura pela ECO-UFRJ. Pesquisador do MEMENTO/UFRJ e da Rede Historicidade dos Processos Comunicacionais, e-mail: viniciusf.c@hotmail.com

como objeto do ódio, se entende enquanto aquele que quer ser violentamente distinguido e extinto.

O ódio, dentro da narrativa, não é encontrado em uma figura, mas trabalha para criar o contorno do diferente, uma ameaça comum. Com isso, Ahmed (2001; 2004) quer dizer que o ódio não reside em um determinado sujeito ou é direcionado a um objeto específico. Não se trata de uma disposição psicológica que pertence a uma psique individual. O ódio circula entre os corpos e os significantes em relações de semelhança e diferença, funcionando de maneira concreta e particular como mediador na relação entre o psíquico e o social.

Compreender a pandemia do HIV/AIDS envolve perceber que o impacto do estigma e da discriminação é tão complexo como a ação e as consequências biológicas causadas pelo Vírus da Imunodeficiência Humana. Pesquisadores como Richard Parker e Peter Aggleton (2021) defendem que, ao longo de 40 anos da epidemia, não há nada que se demonstre tão difícil de ser enfrentado como a superação dos estigmas. Isso ocorre porque, mesmo os avanços no campo biomédico para o tratamento da doença e os esclarecimentos científicos sobre sua transmissão, os estigmas associados ao vírus e sua relação com a homossexualidade foram pouco alterados. O HIV/AIDS segue desempenhando um papel fundamental na produção e reprodução da desigualdade, exclusão e opressão.

O filósofo português José Gil (2020), ao refletir sobre o medo na pandemia do Covid-19, fornece pontos de diálogo importantes para pensarmos o caso da AIDS. Para o autor, o horizonte de incertezas instaurado pela chegada de uma catástrofe sanitária produz um ambiente de ignorância e confusão que amplifica o medo. Um temor que passa a ser, sobretudo, dos outros que se tornam inimigos potenciais na medida em que qualquer encontro pode representar o risco de infecção. O pânico paranóico do contágio ao acaso transforma o contato em perigo, uma ocasião de morte possível. Como consequência, a relação com os outros e com a sua própria comunidade sofre um abalo profundo já que um outro corpo se transforma no mal radical.

Dessa forma, o medo não é uma simples atmosfera, mas uma inundação que invade os sujeitos e se alastra pelo social, reconfigurando a paisagem e a relação dos sujeitos com o coletivo (GIL, 2020). Podemos perceber os seus efeitos em diversas camadas na história da pandemia da AIDS, em especial, na sua ligação com a homossexualidade.

Tomemos como termômetro do medo os diários pessoais gravados em fita cassete pelo artista plástico José Leonilson³. As gravações iniciam em janeiro de 1990, quando Leonilson tinha 33 anos e ainda não sabia o seu diagnóstico. O relato do artista mescla angústias pessoais, seu processo criativo e assuntos familiares com acontecimentos importantes no Brasil e no mundo, como a Queda do Muro de Berlim e o governo Collor. O seu diário oral, que inicialmente não possuía grandes intenções, ganha outros contornos com a descoberta de sua sorologia positiva e o desenvolvimento da doença.

Um arquivo de sentimentos

Leonilson mantém uma rotina de gravações sobre o seu cotidiano até 1993, quando, aos 36 anos, morre em decorrência de complicações associadas a AIDS, deixando mais de 4 mil obras produzidas⁴. Acompanhar o diário permite perceber que, para o artista, a sua feitura era uma forma de lidar com o medo e de tentar conter a ansiedade. Barthes (2012), ao se referir ao diário que escreveu no processo de luto pela morte de sua mãe, destaca que essa escrita de si possui um designo kafkiano de “extirpar a angustia” e “encontrar a salvação”. Essas funções podem ser sentidas no relato deixado por Leonilson, mas o que desperta, em especial, o nosso interesse por esse registro seria sua qualidade enquanto documento histórico.

As fitas cassetes de Leonilson capturam o medo que envolvia a homossexualidade com a chegada do HIV/AIDS. O temor extrapolava o rechaçamento de heterossexuais perante a esse corpo tido enquanto contagioso. Temia-se ser homossexual. O medo provocado pela nova doença rompeu com o ciclo de ascensão do orgulho da própria sexualidade, que vinha dominando a cena homossexual desde os anos 1960. Antes de seu diagnóstico, Leonilson temia o seu próprio desejo, tinha medo de ser.

Eu posso até dizer que às vezes eu fico atraído por algumas mulheres, mas eu me sinto mesmo é atraído por uns caras. Às vezes, eu vejo uns caras lindos, daí eu fico louco por eles. E eu só não faço o que eu tenho vontade, porque eu tenho medo, sabe? Eu tenho medo de AIDS. Eu tenho medo de ... Eu tenho medo de AIDS. Sabe, eu não tô afim de morrer assim, sofrendo desgraçado. E ser gay hoje em dia é a mesma coisa que ser judeu na Segunda Guerra Mundial.

³ Parte do conteúdo das fitas gravadas por Leonilson se tornaram acessíveis ao grande público por meio do documentário *Paixão de JL* (2014), de Carlos Nader. O filme mistura imagens de arquivo sobre os momentos históricos narrados com imagens de obras do artista, enquanto escutamos a voz de Leonilson narrando a sua vida.

⁴ Leonilson é considerado um dos principais artistas brasileiros do que ficou conhecido como a geração 80. Sua obra é marcada pelo biográfico e o relato do cotidiano. A abordagem sensível sobre a homossexualidade e a AIDS tornaram o artista e sua produção um símbolo cultural sobre estas temáticas. Para saber mais sobre a sua obra e as articulações com o sensível, ler Gois (2015). Após sua morte foi criado um instituto, que leva o seu nome, com o objetivo de preservar sua memória e legado artístico. Os acervos pessoais de Leonilson estão sob a guarda deste instituto, comandado por sua irmã. Para além dos diários gravados também existem centenas de cartas trocadas pelo artista. No entanto, esse material não é disponibilizado para consulta. Utilizados como base para essa pesquisa os fragmentos das gravações presentes nas obras lançadas com a autorização da sua família.

O próximo pode ser você. A praga tá aí pronta para te pegar (LEONILSON, *Paixão de JL*, 2014).

Ser homossexual, para Leonilson, era assumir um risco. Sentir desejo e afeto por outro homem se apresentava como um mal radical que poderia pôr fim a sua própria vida. A homossexualidade passa a ser nociva, como um componente radioativo, que precisava ser contido e isolado ou poderia provocar uma contaminação fatal. Um dilema complexo passa então a reger a vida: uma negociação entre viver sem poder “ser homossexual” ou morrer vivendo plenamente. Uma equação que, nesses termos, nunca atingira um resultado positivo.

As emoções, como o ódio e o medo, são expressões das relações de poder que articulam de forma dinâmica o individual com o social por meio de um jogo de linguagem que segue um fluxo imemorial de convenções (BOURKE, 2003). O medo garante “verdades”, constitutivas das normas sociais, por meio da narração de crises ou inseguranças (AHMED, 2003; 2004). O que o temor revela é a ameaça iminente ao mundo tal como dado, um perigo que se anuncia no horizonte por aquilo que materializa o desconforme. Quando o HIV/AIDS, através da associação direta com a doença, produz o medo da homossexualidade, o que se reafirma é a longa duração da injúria, que sustenta esses corpos como possuidores de um prazer que coloca em risco a “verdadeira” forma de habitar o mundo.

No diário de Leonilson, é possível perceber a materialização da ansiedade que abalava a comunidade homossexual. O jovem artista produz um testemunho sobre a doença atravessado pela angústia e pelo medo. São diversos os objetos de preocupação que mobilizam o temor de Leonilson. Ele receia ao se confrontar com sua sexualidade, ao realizar o teste para detectar a presença do vírus, ao saber ser portador da doença, ao se questionar se ainda poderá viver um amor romântico, teme também pela reação da sua família e pelos efeitos dos medicamentos existentes.

Hoje durante o dia, eu fiz teste para AIDS, mas na hora que eu fiz o teste eu tava calmo. Eu fiz o teste também mais para tirar uma dúvida. Eu acho que não tenho nada, não. Mas agora são duas horas da manhã, da madrugada, e eu acordei assustado. Acordei tremendo. Acordei. Na hora em que eu acordei, eu estava sentindo o estômago. Mas, depois, eu comecei a tremer, tremer como se eu tivesse com muito frio. E eu fiquei com muito medo [...] E agora são duas horas da manhã e eu estou com medo. Fico pensando em mil besteiras. E eu acho que não é nada, é só nervoso. É horrível essa situação, é horrível. [...]

Na hora que eu peguei o teste, eu fiquei muito abalado. Eu quase desmaiei na hora em que eu vi. [...]

A minha irmã perguntou: mas por que você tá emagrecendo, Leo? O que que eu vou responder? Como é que eu vou contar isso para a minha família? Isso é

o pior. Eu não tenho medo. Eu não tenho medo de morrer. Eu tenho medo de sofrer mais a tristeza da família. A desgraça, isso é que é o pior (LEONILSON, *Paixão de JL*, 2014).

A força disruptiva provocada pela eclosão do HIV/AIDS direciona os sujeitos para esse estado provisório de habitar o mundo que é marcado por um tempo em espera. O esperar passa a ditar o tempo da vida tanto na concretude do cotidiano como de forma ontológica. O sujeito aguarda pela cura, por remédios mais eficazes, pela melhora do quadro clínico. Mas a espera também diz respeito a uma cisão no tempo que perdura até que a elaboração do arrebatamento provocado pela catástrofe seja realizada. Estamos falando, no quadro mais amplo, sobre a pausa que antecede a ação, o momento que pode durar segundos ou anos, que consome os sujeitos até que eles possam agir criativamente em prol da construção de um novo jogo de valores.

Esta pausa, em que o tempo é vivido em suspensão, só permite respostas na esfera de uma micropolítica reativa (ROLNIK, 2018). Leonilson reage dentro dos limites do repertório estipulado pela própria cosmovisão que estabeleceu o ódio e o medo como horizonte possível da experiência. Seu desejo de ação não produz uma nova relação com a doença ou a criação de novas vinculações. Em sua vida pessoal, ele desempenha o papel esperado do “portador do vírus da AIDS”: um homossexual enrustido que sofre e se culpabiliza. Com isso, o diário gravado pelo artista não provoca um deslocamento dos sentidos em prol da libertação do desejo.

Os limites de habitar um tempo em suspensão não provocam melancolia, medo e ansiedade somente em Leonilson. Essas eram reações recorrentes e, em certa medida, esperadas em um “protocolo” midiático de como viver com o HIV/AIDS. Afinal, como nos lembra Barthes (2012), as emoções presentes em um diário são sempre simulações, cópias, da mesma emoção/reação que se leu em algum lugar. No quadro de sentimentos construído na lógica midiática, sob efeito de uma matriz médica, essa era a performance esperada ou até mesmo desejada para um homossexual que vivia com o HIV.

Para superar a paralisia da ansiedade é preciso, então, combater o medo da morte. Segundo Gil (2020, p.5), é necessário recusar a passividade, furar a bolha, alargar os limites do espaço e do tempo. Exorcizar o medo implica, nesse caso, obrigatoriamente na criação de um novo espaço público comum com vinculações ativas e baseadas na solidariedade.

O próprio Leonilson passa a se questionar sobre os efeitos do medo do HIV/AIDS em sua vida. Para o artista, o pânico provocado “também faz a consciência da gente

umentar. Sabe, faz a gente ficar mais forte. Faz eu querer ser um homem forte. Eu tô cheio de vontade” (LEONILSON, *Paixão de JL*, 2014). O desenvolvimento de uma consciência libertária sobre sua sexualidade e os seus vários atravessamentos pode ser percebido em seus trabalhos que, com o passar dos anos, coloca seus afetos e desejos por outros homens no centro da produção. Ainda que publicamente e para sua família sua sexualidade não seja assumida, ele se permite viver e deixar seu trabalho ser movido pelas paixões. Isso ocorre graças ao que Ricoeur (2010) denomina de variações imaginativas, ou seja, a liberdade criativa dos produtores das narrativas de apresentar, pelo campo da linguagem, um mundo reconhecível e capaz de expor as linhas de força, as relações de poder e as incongruências que compõe a realidade apesar de nem sempre serem visíveis.

O imbricamento entre ficção e realidade (seja lá o que ela signifique) possibilita Leonilson de se desprender de certas arramas e constrangimentos. O artista, quando foi informado pela sua equipe médica de que tinha apenas alguns meses de vida, reforça em seu diário que “agora de fato só me resta o meu trabalho”. A interpretação mais evidente dessa afirmação é de que não existindo mais possibilidades só o trabalho se apresentava como um horizonte possível a se ater. Contudo, essa declaração pode possuir uma segunda camada de sentido, é somente na sua produção artística, por meio de uma imaginação criativa que ele pode continuar vivendo. Foi na arte, com forte influência biográfica, que Leonilson produziu sua escritura e colocou em circulação novos mundos possíveis.

REFERÊNCIAS

- AHMED, Sara. **The Cultural Politics of Emotion**. Edinburg University Press, 2004.
- AHMED, Sara. The Organisation Of Hate. **Law and Critique**, n 12, p.345-365, 2001. Sara
- AHMED, Sara. The politics of fear in the making of worlds, **International Journal of Qualitative Studies in Education**, 16:3, p. 377-398, 2003.
- BARTHES, Roland. Deliberação. In: **O Rumor da Língua**. São Paulo:WMF Martins Fontes, 2012, p. 445-462.
- BOURKE, Joanna. Joanna Bourke, Fear and Anxiety: Writing about Emotion in Modern History. **History Workshop Journal**, vol. 55, n.1, 1 March 2003, pp. 111–33.
- GIL, Jose. **Medo**. São Paulo: N1-Edições, 2020.
- GOIS, Wilma Farias. **Afetos da obra de Leonilson: arte e vida, mapas e escrita**. 2015. 137 f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-graduação em Artes, Fortaleza (CE), 2015.
- PARKER, Richard; AGGLETON, Peter. **Estigma, Discriminação e AIDS**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids – ABIA, 2021.
- ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- WEEKS, Jeffrey. **Sexuality and its discontents: meanings, myths & modern sexualities**. London and New York: Routledge, 2002.